

1º Workshop on-line

REVISITAR A BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR

Projeto MOVING CITY

Cidades para a guerra: um exército europeu em Marrocos no século XVI
(EXPL/HAR-HIS/1521/2021)

4 agosto 2022, 9h30-17h30

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

Por ordem de apresentação

MOVING CITY - Apresentação do projeto

Edite Martins Alberto IR; Luís Costa e Sousa co-IR Projeto MOVING CITY

O projeto MOVING CITY tem como finalidade colmatar a lacuna que persiste quanto ao conhecimento da composição do exército que o rei D. Sebastião levou a Alcácer Quibir.

O complexo processo de negociação da liberdade dos prisioneiros após a batalha, em várias cidades e ao longo de mais de uma dezena de anos, encontra-se registado nas crónicas e nas relações redigidas pelos religiosos da Ordem da Santíssima Trindade que, em Marrocos, procederam à organização dos resgates.

A partir destes documentos podemos identificar os indivíduos que foram resgatados e conhecer o seu quotidiano durante os anos que se seguiram à batalha. A identificação de todos estes cativos será fundamental para conhecer os efetivos, tanto civis como militares, que compunham o exército como uma verdadeira “cidade em movimento”.

O resgate de cativos na Biblioteca Lusitana de Diogo Barbosa Machado

Diogo Reis Pereira, CHAM|NOVA FCSH (bolseiro do Projeto MOVING CITY)

No âmbito do levantamento bibliográfico e documental com vista à reconstituição dos efetivos que compunham o exército que D. Sebastião levou para a Batalha de Alcácer Quibir, objetivo do projeto MOVING CITY, a *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado, constituiu uma obra de referência incontornável.

Nesta comunicação pretende-se evidenciar o contributo bibliográfico dos padres da Ordem da Santíssima Trindade, destacando os escritores trinitários que mais diretamente se debruçaram sobre o resgate de cativos. O conhecimento dos seus trabalhos e sua posterior localização nas bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros, contribuirá para identificação dos autores e das obras que poderão trazer informações para os resgates e para a identificação dos prisioneiros libertados após a Batalha de Alcácer Quibir.

“Voarão como cândidos cisnes para o socorro dos cativos de Africa” – os trinitários no resgate dos cativos da batalha de Alcácer Quibir

Edite Martins Alberto, CHAM | NOVA FCSH (investigadora e IR do Projeto MOVING CITY)

Foi a partir do Convento da Santíssima Trindade de Ceuta que os padres trinitários, sob orientação de frei Roque do Espírito Santo, organizaram os resgates dos cativos cristãos aprisionados em consequência da batalha de Alcácer Quibir. De Ceuta partiram para os principais pontos do Magrebe, onde, nos anos seguintes ao conflito, identificaram, assistiram e resgataram os portugueses que aprisionados e vendidos, foram distribuídos pelo mundo muçulmano.

Nesta apresentação iremos identificar os trinitários envolvidos, a sua distribuição espacial pelas cidades magrebínas e o quantitativo de cativos resgatados, com base no fundo documental da Ordem da Santíssima Trindade.

“Antes que escrevas recebe e antes que dês escreve”. Apontamentos de Frei Dionísio e Frei Mateus nos resgates de Argel

Tiago Machado de Castro, CHAM | NOVA FCSH (bolseiro do Projeto MOVING CITY)

Propõe-se nesta comunicação analisar o conteúdo dos códices 38 e 39 do fundo do Convento da Trindade de Lisboa (ANTT), relativos aos resgates de cativos efetuados em Argel nos anos de 1581-1583 e 1587-1588, escritos por Frei Dionísio de Faro e Frei Mateus da Esperança, responsáveis pela sua organização.

Conteúdo essencial destes livros são as várias listagens das pessoas em cativo, com apontamentos posteriores, de várias mãos, indicando o estado do seu resgate, resultantes de novas informações que os trinitários recebiam através da sua rede de contactos noutras partes do Norte de África. Dessas entradas constam: os nomes; dados identificativos de naturalidade e parentesco; a quem pertenciam enquanto cativos e que valores se pediam; a origem das verbas aplicadas nas suas libertações. A par do essencial recebemos outras informações acrescentadas pelos autores, nos espaços livres dos livros e em diversos momentos, que nos dão conta de gastos quotidianos e em viagens; valores de câmbio para diversas moedas; tipologia e comércio de têxteis e vestuário e itinerários seguidos nas suas missões.

Objetivo da comunicação é apresentar o trabalho desenvolvido no estudo destas listagens fundamentais para o conhecimento dos cativos provenientes da batalha de Alcácer Quibir.

“Deseavan los Cautivos (...) no se les ausentase el Sol que les alumbraba (...)”.

Cativos de Argel e Alcácer-Quibir na economia e política de mercê das parentelas.

João de Figueiroa-Rego, CHAM | NOVA FCSH (investigador convidado)

A questão do cativo de cristãos, às mãos do opositor muçulmano, magrebino, argelino ou de outros espaços conotados com a pirataria barbaresca e sobretudo a sua redenção, tem sido objeto do interesse da historiografia ibérica, ainda que com lacunas. Em boa medida, por ser tema relativamente tardio no conjunto de estudos efetuados. O tópico que ora se pretende abordar busca centrar-se na forma como a resgate de cativos afetou o património e as perspetivas de mercê régia por parte das parentelas, em regra oriundas de uma fidalguia provincial com menor capacidade financeira e influência do que a nobreza de corte, também

esta atingida por idêntico flagelo. Várias serão as questões a equacionar neste domínio, desde o problema da afetação de bens patrimoniais até à expectativa de ganhos ao nível de economia da mercê, geradores de eventual mobilidade ou consolidação social. As petições e requerimentos, fossem de âmbito pecuniário, acrescentamento de foros e moradias da Casa Real, ou atribuição de hábitos das ordens (Cristo, Santiago e Avis), ilustram-no de modo explícito. No entanto, outros problemas podem ser aventados, por exemplo, teria o pagamento de resgates chegado a comprometer o instituto vincular? A afetar seriamente a posse fundiária? A pôr em causa alianças matrimoniais e satisfação dos respetivos dotes? Estas algumas das dúvidas que permanecem sem resposta concreta e para cujo estudo procurar-se-á contribuir.

Entre a missão e os negócios seculares. Antecedentes e problemáticas da missão dos jesuítas em Alcácer Quibir

Maria João Pereira Coutinho, IHA | NOVA FCSH (investigadora convidada)

A síntese que se apresenta parte da ação que um conjunto de membros da Companhia de Jesus teve na empresa de Alcácer Quibir e da tentativa de compreender, a partir da análise de fontes manuscritas e impressas jesuítas e trinitárias, o porquê da sua participação no acontecimento de 4 de agosto de 1578.

Antecedentes como o papel que João Nunes Barreto (1519-1562) e Luís Gonçalves da Câmara (c. 1519-1575) desempenharam no resgate dos cristãos cativos do norte de África e a influência que o segundo jesuíta teve na formação e na personalidade de D. Sebastião (1554-1578) são também analisados no quadro desta missão.

A formulação de algumas hipóteses em torno das motivações que conduziram à seleção de dez padres e de cinco irmãos deste instituto religioso para participarem nessa expedição e os contornos que envolveram o cativo de alguns deles são igualmente importantes para a compreensão deste acontecimento.

Por fim, a análise da descrição dos acontecimentos do dia 4 de agosto, do cativo e do resgate de alguns companheiros que o jesuíta Pedro Martins (1542-1598) deixa, perenizada na obra de António Franco (1662-1732), também possibilita um novo entendimento da participação destes missionários na jornada.

La libertad del duque de Barcelos y la política defensiva de Felipe II en el Estrecho de Gibraltar

Miguel Angel de Bunes Ibarra, CSIC, Espanha (consultor do Projeto MOVING CITY)

A finales del siglo XVI el estrecho de Gibraltar se convirtió en una activa frontera de la Monarquía Hispánica respecto al mundo islámico y las potencias atlánticas. En respuesta a esta coyuntura se fue gestando una política de guarda del Estrecho con una estructura de poder y unos objetivos mantenidos hasta época de Olivares. En toda esta política resulta de gran importancia la concesión del Título de Capitán General del Mar Océano al VII duque de Medina Sidonia en la política norteafricana, atendiendo la mayor parte de su tiempo a las relaciones con el sultanato saadí de Marruecos, además de intentar rescatar al mayor número posible de cautivos del Alcazárquivir. A partir de 1589, alejada la amenaza otomana, la Corona comenzó a mostrarse reacia a mantener relaciones oficiales con el jerife saadí, considerado un simple peligro regional. Como resultado, Felipe II fue descargando la vigilancia de la frontera sobre Medina Sidonia, con gran bagaje en los asuntos de Berbería

Crianças em cativeiro: o destino trágico de sete jovens em Marraquexe

Maria Augusta Lima Cruz, CHAM|NOVA FCSH (investigadora do Projeto MOVING CITY)

As vivências de sete jovens (um marroquino, um de origem francesa e cinco portugueses, sendo que cinco tinham integrado hostes de Alcácer Quibir), confinados, desde os 12/13 anos, no Palácio real de Marraquexe, ao serviço do sultão Mulei Ahmed Almançor (r. 1578-1603), e que secretamente praticavam os preceitos cristãos, determinaram as suas condenações à morte e execuções em 1585. Testemunho destes sucessos foi Frei António da Conceição (1549-1589), trinitário que viveu cerca de dez anos em Marraquexe, onde viria a morrer, dedicando-se a resgatar e a apoiar espiritualmente os cristãos aí cativos. Do trágico destino destes jovens nos deixou Frei António da Conceição narrativa, enriquecida com belo mapa, que representa a cores o recém-construído (1578-1594) palácio real El Badi, onde viveram e seriam enterrados estes jovens. É com base neste testemunho e noutros coevos que procuraremos traçar a vida e o ambiente das crianças/jovens em cativeiro.

Uma categoria de cativos da batalha de Alcácer Quibir entre a cristandade e a conversão

Mostafa Zekri, CHAM|NOVA FCSH (investigador do Projeto MOVING CITY)

Tanto nas fontes árabes como nalgumas fontes europeias, existem informações sobre o destino dos cativos na batalha de Alcácer Quibir que não são de famílias nobres e que tiveram que adaptar-se à sua nova condição de vida numa sociedade diferente, cultural e religiosamente. Muitos deles, para viver melhor, tiveram que escolher a conversão ao Islão. Alguns, até, conseguiram integrar a corte real dos Xerifes e ter cargos e funções importantes. Trata-se de abordar esta questão de forma exploratória, e reunir os elementos que contribuirão para a reconstrução da realidade dos cativos de origem humilde depois da derrota na batalha de Alcácer Quibir.

Uma cidade militar itinerante em Marrocos, 1578

Luís Costa e Sousa, CHAM|NOVA FCSH (co-IR e investigador do Projeto MOVING CITY)

Centrando-nos no estudo das listas dos cativos resgatados, após a Batalha de Alcácer Quibir, elaboradas pelos padres trinitários, iremos a partir de uma amostragem de cerca de 1000 prisioneiros, analisar as informações recolhidas referentes à sua naturalidade, afiliação, ofício, idade, preço do resgate, entre outros dados identificadores destes libertados.

Esta análise preliminar, resultado de um trabalho de levantamento ainda em curso, proporciona uma primeira panorâmica, até agora inédita, sobre os efetivos do exército que D. Sebastião levou a Marrocos em 1578, e lançar luz sobre certas dúvidas e reequacionar algumas certezas sobre a natureza desta “cidade militar portuguesa” de final do século XVI.

As “desgraças” da batalha na narrativa de Madre Soror Leonor de S. João Batista

Fernanda Maria Guedes de Campos, CHAM | NOVA FCSH (investigadora convidada)

O *Tratado da antiga e curiosa fundação do conv[ento] d[e] JESU[S] de Setúbal* (BNP COD. 7686) é um manuscrito composto pela Madre Soror Leonor de S. João Baptista (1565-1648) no ano de 1630. A autora nascera em Lisboa, filha de D. Rodrigo de Castro Barreto, fidalgo da Casa Real e de D. Leonor Pereira de Lacerda. Órfã de pai aos 13 anos, falecido em 1578 na batalha de Alcácer Quibir, entrou no convento de Jesus em 1585.

O objetivo desta comunicação é dar a conhecer o seu testemunho sobre a vontade de D. Sebastião em combater os infiéis, culminando nas “desgraças” da batalha de Alcácer Quibir, e recordando a morte de seu pai. Mais escreve: “morrendo dez mil christãos, e ficando outros tantos cativos, cujos resgates e despojos, fizeram tão ricos os moiros como pobre a Portugal que só de lagrimas ficou fértil”. A narrativa estende-se para as circunstâncias do resgate de D. Sebastião, ida do corpo para Ceuta e posteriormente para Portugal. Nessa parte, faz um relato minucioso sobre o percurso do féretro até à Batalha. Lembra sempre que está justificada com “isto o ouvi a pessoas de crédito que viram e o li em papéis que o declaram na verdade”.

Comunicação de investigador convidado 4

Nunziatella Alessandrini, CHAM | NOVA FCSH (investigadora convidada)

No último quartel do século XVI, uma importante comunidade italiana, constituída principalmente por homens de negócio vindos das diversas cidades-estado da Península Italiana, estava bem integrada no meio social português. A documentação consultada para aprofundar o percurso vivencial destes estrangeiros define com alguma clareza a relação que os familiares dos afamados mercadores italianos, nomeadamente filhos, filhas, netos, netas, entrelaçaram com famílias da nobreza portuguesa deixando, por sua vez, descendência direta.

Para além de familiares, os donos das importantes casas comerciais italianas estantes em Lisboa no século XVI mantinham um circuito de agentes e empregados que participavam dos avultados negócios ultramarinos. Aquando da preparação da campanha de África por parte do rei D. Sebastião, temos conhecimento que um número considerável destes italianos e/ou descendentes deles seguiram o rei português. O levantamento de várias fontes documentais, entre as quais primam as listas da Ordem da Santíssima Trindade, permite identificar estas personagens e detetar o seu papel no seio desta comunidade de estrangeiros na Lisboa Quinhentista.

Os judeus de Marrocos e o resgate dos cativos

José Alberto R.S.Tavim, Centro de História, FL-Universidade de Lisboa (Investigador convidado)

Não obstante as invetivas frequentes dos Trinitários e outros religiosos contra os judeus em geral e nomeadamente na sua atividade de resgatar cativos portugueses no Norte de África, o facto é que estes possuíam uma experiência secular no negócio, tanto que aqueles recorriam frequentemente a estes para agilizar o processo.

Desde a primeira metade do século XVI que há informações sobre o papel primordial dos judeus no resgate dos cativos portugueses, quer aqueles que viviam nas praças portuguesas, quer os outros oriundos do território marroquino, viajando nas designadas cáfilas. Podemos mesmo

verificar que a ascensão social e política de pessoas como Abraão Benzamerro, rabi-mor da praça de Safim, se deve ao seu envolvimento na “salvação” das almas portuguesas. Era frequente deslocarem-se ao reino para assegurarem a missão do resgate, e o seu empenho levou mesmo à conversão ao Cristianismo de alguns deles, como Abraão Vilhalon. A base do seu sucesso era o facto de poderem circular entre os espaços controlados por entidades frequentemente em litígio, saberem falar tanto o árabe como o português, e devido a esta última faculdade, terem o bom apreço dos cativos portugueses. Por isso vão ser eles os interlocutores fundamentais no resgate dos cativos da batalha de Alcácer-Quibir.

Retornar almas a Dios y soldados a Su Majestad. Las redenciones mercedarias en Tetuán de 1579 y 1583

Michele Bosco, consultor Projeto MOVING CITY (consultor do Projeto MOVING CITY)

Desde el último cuarto del siglo XVI, los libros de cuentas de las redenciones de cautivos permiten hacernos una idea detallada de la maquinaria de los rescates. En mi intervención, presentaré las dos redenciones mercedarias realizadas en Marruecos en 1579 y en 1583, tras la derrota portuguesa en Alcazarquivir, y gracias a las cuales fueron rescatados, junto a una mayoría de cautivos españoles, también un buen número de soldados y oficiales portugueses que habían combatido en dicha batalla. En la redención de 1579 en Tetuán se redimieron en total 220 cautivos, entre los que figuran muchos caballeros portugueses, apresados en la derrota del rey Don Sebastián del año anterior. Aunque se trate de dos misiones distintas, en cuanto al aparato documental deben considerarse a la vez, porque, al concluirse la primera, uno de los redentores mercedarios, fray Luis de Matienzo, quedó como rehén en Tetuán y fue rescatado en 1583. El número y estatus de los rescatados en estas dos misiones nos permitirán arrojar luz sobre la estructura del ejército que luchó en la desgraciada jornada, y los precios que España consideraba apropiado pagar por rescatar a soldados portugueses, tanto antes como después de la Unión de Coronas de 1580.

MOVING
CITY